

Resenha

PALMA, Dieli Vesaro e BASTOS, Neusa Barbosa (orgs). *Língua portuguesa na década de 1980: linguística, gramática, redação e educação*. Coleção história entrelaçada, 8. São Paulo: Terracota Editora, 2018.

Micheline Tacía de Brito PADOVANI¹

O livro *Língua portuguesa na década de 1980: linguística, gramática, redação e educação*, da *Coleção História Entrelaçada*, volume 8 (com o primeiro lançamento em 2004), organizado pelas Professoras pesquisadoras Dieli Vesaro Palma e Neusa Barbosa Bastos, lançado em Abril de 2018, no 17º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 8º Congresso Internacional de Lusofonia do IP-PUC/SP. É resultado de um trabalho de pesquisa sob a orientação das organizadoras, desenvolvida no IP-PUC/SP (Instituto de Pesquisas Linguísticas “Sedes Sapientiae” para Estudos de Português), em conjunto com os membros do Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa do IP-PUC/SP, cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq, desde 1996, ligado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC/SP e ao programa de Pós-Graduação em Letras da UPM/SP. Nessa obra, as pesquisadoras apresentam os princípios da Historiografia Linguística de acordo com Koerner, Swiggers e Aurox. Centrada no século XX, os números anteriores da referida coleção, os estudos têm focado uma década da segunda metade do século XX, no número atual as pesquisas fixaram-se na década de 1980, período em que ocorreram diversas alterações na legislação educacional.

A obra está organizada em 13 capítulos, precedidos de sumário e considerações iniciais, na qual as autoras apresentam seus objetivos e suas considerações teóricas, se propondo a buscar respostas para a questão: como a investigação dos estudos da linguagem se manifesta nos materiais didáticos, a partir da lei de 1972? Dessa forma, os pesquisadores estabeleceram materiais didáticos de língua portuguesa publicados na década de 80 para corpus de análise.

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa – PUC/SP. Professora de língua portuguesa e literatura no Centro Paula Souza – SP. Endereço eletrônico: mtbpadovani@gmail.com

No primeiro capítulo, *A década de 1980: suas características principais*, de Dieli Vesaro Palma e Maria Ignez Salgado de Melo Franco, encontramos contribuições teóricas que embasam as pesquisas sobre os princípios da Historiografia Linguística (Koerner e Swiggers): Imanência, Contextualização e Adequação.

O primeiro é entendido como a análise linguística do documento, segundo categorias que emergem do próprio texto; o segundo é concebido como a recriação de espírito de época, ou seja, a reconstrução do conjunto de ideias políticas, econômicas, culturais e científicas e educacionais em circulação no Brasil da década de 1980, sobretudo no que diz respeito às questões linguísticas e às de ensino e aprendizagem na obra analisada a teorias linguísticas atuais, com a finalidade de auxiliar o leitor moderno na compreensão do documento, quando, temporalmente, ele distanciar da pesquisa em movimento. (PALMA e FRANCO, p. 10, 2018).

É importante destacar que na década de 1980 as teorias linguísticas buscavam metodologia, procedimentos e princípios que sustentassem as pesquisas. Segundo Koerner, toda teoria precisa de uma metodologia e, a Historiografia Linguística faz uma delimitação em relação às ciências que transfere conhecimento para ela. “Há vários problemas metodológicos e epistemológicos (...) questões de periodização, contextualização e, geralmente, procedimentos de pesquisa (...)” (KOERNER, 1996, p. 58). Assim, para Koerner (1996) nenhuma área do conhecimento deve ser estudada isoladamente, deve-se manter mutualidade entre a historiografia e a história, evidenciadas pelas pesquisas linguísticas.

Diante do exposto, inicia-se o primeiro capítulo apresentando algumas considerações acerca de trabalhos desenvolvidos anteriormente e, que dizem respeito à história dos conhecimentos linguísticos no Brasil. Além disso, apresenta-se o tema do primeiro capítulo: o clima de opinião ou espírito de época na década de 80 do século XX no Brasil.

A obra contextualiza questões político-econômicas da década de 1980, no sentido de construir o momento histórico e social de época. Alertando o pesquisador sobre a necessidade da reconstrução das situações culturais em que o ensino ocorre. A década de 1980 foi o período de transição no país, em que se passou a abertura política. E apesar, das várias mudanças na esfera política, a legislação educacional, centrada em propostas militares, não se efetivou. Entretanto, as autoras destacam a expansão do

ensino privado de 2º e 3º Graus, além da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 5692/71).

Segundo as autoras, as teorias linguísticas começam a ganhar força no Brasil, e são lançadas obras representativas sobre Semântica Argumentativa, Linguística Textual e Linguística do Discurso. Na década de 1980, diversas correntes linguísticas circulavam no Brasil. As mudanças propostas para o ensino da Língua Portuguesa já pressupunha as teorias linguísticas produzidas como saber científico nas universidades e transpostas para o ensino de língua materna.

No segundo capítulo, *História, ensino de língua e material didático: considerações para uma análise pela historiografia da linguística*, Ronaldo de Oliveira Batista e Luciano Magnoni Tocaia discorrem sobre: história e historiografia da linguística. BATISTA e TOCAIA (2018), retomando (BATISTA, 2013) destacam que

historiografar a linguística é, portanto, tarefa que não pode deixar de lado a observação de caráter social que coloca o saber inserido em uma complexa rede discursiva com as projeções de imagens e lugares de dizer que, em sua essência, são parte da própria constituição do conhecimento intelectual (p. 29).

É importante, que o historiográfico propõe que as camadas da superfície linguística sejam escadas para que possam atingir o que os documentos nos dizem. E para que o objetivo seja atingido é necessário que a Historiografia Linguística estabeleça princípios práticos e teóricos que possibilitem a aceitação entre historiográficos da linguística, que fazem adaptações a períodos diferentes da história da ciência da linguagem e os aspectos particulares do investigador (Koerner, 2007, p. 61). Batista e Tocaia enfatizam que

a arte do ofício do historiógrafo encontra-se, ela mesma, na seleção das ferramentas e dos procedimentos de análise, permitindo que a História seja reconstruída e compreendida a partir do momento em que começa o discurso do sujeito que interpreta os vestígios que encontra na busca por uma memória não contemplativa, mas interpretativa de sentidos que se relacionam com o que foi, o que é e o que ainda será (p. 33).

O historiógrafo realiza questionamentos históricos decorrentes das práticas analíticas. No terceiro capítulo, titulado como *Estudos em historiografia linguística: uma abordagem interdisciplinar*, as pesquisadoras Neusa Barbosa Bastos e Vera L. Harabagi Hanna, estudam os desafios que acompanham os pesquisadores da área de

Historiografia Linguística no que diz respeito “à confluência de disciplinas do campo das humanidades”. As autores destacam a complexidade do trabalho linguístico em HL em função da diversidade de produtos linguísticos e práxis linguísticos, como: os estudos comparativos, as obras teóricas e práticas, as descrições de línguas, os manuais para o ensino/aprendizagem, entre outros.

Bastos e Hanna alertam que “essas análises, relativas ao planejamento de línguas e as políticas linguísticas, nos levam à própria noção de interdisciplinaridade tratada por Lattuca”. As pesquisas elegem duas acepções que formam um todo significativo: a pluridisciplinar, na qual o sujeito com experiências diversas *formais ou informais* pode participar das investigações e a interdisciplinaridade, *conceitual e a instrumental* apontadas pelas autoras como a mais adequada para o pesquisador historiador.

No quarto capítulo, *Hildebrando de André: o ensino de gramática e de redação*, Maria Mercedes Saraiva Hackerott e Caio Vinícius Catalano analisam as relações de complementariedade entre as obras *Gramática Ilustrada* e *Curso de Redação*, Hildebrando Affonso de André (1923- 2016), os pesquisadores observam como se estabelece o diálogo entre as obras, levando em consideração o espírito de época e questões históricas. Os autores destacam que a obra *Curso de redação*, foi concebido para ser aplicado tanto em aulas do ensino regular do 2º grau quanto em cursos preparatórios para vestibular ou qualquer curso de redação.

O quinto capítulo, *Propostas de produção textual de Martos e Mesquita, na década de 1980: uma análise historiográfica*, as autoras Maria Lúcia M. Carvalho Vasconcelos e Neusa Barbosa Bastos, tomam como objeto de análise as obras didáticas de Cloder Rivas Martos e Roberto Melo Mesquita, intituladas PAI (Programa de Ação Imediata) – Língua e Literatura, 2º Grau, para a 1ª, 2ª e 3ª séries, e técnicas de Redação e Criatividade. As autoras retomam os princípios de Koerner como fundamentos teórico-metodológicos, explicando-os, seguindo de análise da obra didática. Vasconcelos e Bastos, fundamentam as teorias linguísticas que vigoravam entre as décadas de 1980 e 1990 sob o paradigma da Teoria da Comunicação e algumas inovações em relação aos métodos pedagógicos da época que passaram a incluir o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

No sexto capítulo, *Técnicas de Redação de João Bosco Medeiros: um caminho para o ensino de redação no 2º grau nos anos de 1980*, das autoras Dieli Vesaro Palma, Adriana de Souza Ramacciotti e Patrícia Mafra. É analisado o material didático *Técnicas de Redação*, de João Bosco Medeiros. As autoras destacam que “os materiais didáticos, principalmente, a partir da década de 1950, com a abertura da escola para todos, tornaram-se fonte de Informação para se ampliar o conteúdo trabalhado e para se diversificar o processo de ensino e aprendizagem” (PALMA, RAMACCIOTTI, MAFRA, p. 90, 2018). As autoras também retomam o princípio de Imanência que segundo Koerner (2014) tem a missão de descrever/apontar como se desenvolveu determinado saber linguístico em contexto específico. Depois, as autoras levantam os linguistas citados na obra e autores literários usados, a dimensão comunicativa adotada e algumas concepções teóricas-metodológicas utilizadas na época e, retomando Choppin (2004) as quatro funções do livro: a ideológica, a referencial, a instrumental e a documental.

O sétimo capítulo, intitulado *Um olhar historiográfico sobre literatura, gramática e redação de Paschoalin e Spadoto*, de Regina Helena Pires de Brito, Nancy dos Santos Casagrande e Maria Inês Francisca Ciriaco, que elegeram como material para estudo os três volumes de: *Literatura, gramática e redação*. A análise segue os princípios e procedimentos básicos estabelecidos por Koerner, com uma visão geral sobre o ambiente sociocultural, político e econômico do Brasil da década de 1980, introduzindo as tendências teóricas vigentes e adotadas pelos autores do material didático.

No oitavo capítulo, *Estudos de língua portuguesa e estudos de redação, de Douglas Tufano: a gramática como ferramenta do ler e escrever bem*, de Nancy Aparecida Arakaki e Victor Costa. Os autores debruçaram-se nas concepções de Koerner (1996) quanto à necessidade de o historiógrafo traçar o “clima de opinião” da época em que foi produzida a obra didática, além de explicar e descrever como se adquiriu e se desenvolveu o conhecimento linguístico do autor em determinado contexto histórico social. Arakaki e Costa destaca ainda que, a década de 1980 pode ser entendida como um período de transição, com os estudos do texto se tornando mais presentes na produção dos materiais didáticos e no processo de ensino-aprendizagem.

O nono capítulo, *Magda Soares e o ensino de redação em manuais didáticos*, de Patrícia Leite Di Iório, Nancy dos Santos Casagrande e Andressa Pereira da Silva. No capítulo, é analisada a coleção de livros didáticos *Novo Português Através de Textos* (1982), de Magda Soares. Inicialmente, há dados da trajetória acadêmica e profissional de Magda Soares relevantes para os estudos da Psicolinguística e da Linguística no Brasil na década de 1980. Em seguida, dá-se o contexto educacional brasileiro na época, apresentando as mudanças legais e concepções de língua. Após a análise do material didático, as autoras concluem o capítulo destacando que “o ensino de redação nos manuais didáticos produzidos por Magda Soares, no início da década de 1980 era inovador na medida em que possibilitava ao aluno uma reflexão crítica, tanto do tema proposto, quanto de sua própria produção”.

O décimo capítulo, denominado *Manual de redação (Rocha Lima); Barbadinho Neto): uma proposta ensinando escrever textos*, de Roberto Mesquita e Miguél Eugênio Almeida, destaca-se o contexto educacional brasileiro, a organização estrutural do livro analisado e a orientação metodológica abordada por Rocha Lima no material didático. Os autores do capítulo apontam que a obra contribuiu muito para o processo de ensino de redação na década de 1980. Assim, destacam que “por meio de uma linguagem coloquial, Rocha Lima e Raimundo Barbudinho Neto, em *Manual de Redação*, sistematizam a Redação” (p. 177).

No décimo primeiro capítulo, *Correspondência comercial e oficial*, de Reinaldo Mathias Ferreira (1983), de autoria de Sônia Maria Nogueira, Marcelo dos Santos Carneiro e Wemylla de Jesus Almeida. No capítulo é analisado a concepção de Língua e Linguagem e Técnica de Redação presentes na obra de Ferreira. É observado que os cursos pré-vestibulares utilizavam esse material com o objetivo de preparar os alunos para as dissertações dos exames vestibulares.

O décimo segundo e último capítulo, *O ensino da Língua Portuguesa e o processo de aprendizagem do aluno*, é de autoria de Elaine Cristina Prado dos Santos, Micheline Tacia de Brito Padovani e Victor Hugo Romão Fernandes. No capítulo analisa-se a coleção de livros didáticos *Palavras – texto, gramática e redação*, de Hermínio Sargentim (1988). Inicialmente, os autores contextualizam a década de 1980 e o ensino de língua portuguesa no período. Em seguida, há a análise da obra de acordo

com os preceitos da Historiografia Linguística. Para terminar, é destacado que na coleção de livros didáticos, a Teoria da Comunicação está presente de forma velada.

É importante, destacar que os pesquisadores do Grupo de Pesquisa *Historiografia da Língua Portuguesa*, concebem o livro didático como fonte pesquisa e objeto de estudo. Além disso, apontam que ao pesquisar os livros didáticos, evidenciam-se ideologias e culturas de maneira ampla e generalizada, apontam, também, as relações políticas educacionais vigentes na década de 80, do século XX.

Considerando o trabalho empreendido e a profundidade das análises apresentadas na obra organizada por Bastos e Palma, podemos constatar a coerência da obra, que segue a proposta dos volumes anteriores da coleção *História Entrelaçada*. As análises dos materiais didáticos apontam determinadas concepções de linguagem vigentes na década de 1980 e que se materializam de forma ideológica e discursiva, inseridos em contexto histórico-social, demonstrando características próprias de ensino de língua portuguesa, práticas pedagógicas, atividades em sala de aula.

Envio: março/2019
Aceito para publicação: abril/2019